



GUIÃO PEDAGÓGICO

MAÇÃO

VISITA DE ESTUDO:

Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo

Parque Arqueológico do Ocreza

CIMT

Recursos Educativos Digitais do Médio Tejo



Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo Parque Arqueológico do Ocreza

SERVIÇO EDUCATIVO

MUSEU DE ARTE PRÉ-HISTÓRICA E DO SAGRADO NO VALE DO TEJO

Morada: Largo Infante D. Henrique - 6120-750 Mação

GPS: 39°33'25,33"N, 7°59'35,34"W

Telefone: +351 241 571 477

Email: museu@cm-macao.pt

Website: <http://www.museumacao.pt.vu/>

Período de Funcionamento:

De segunda a sexta-feira das 10h00 às 17h30.

PARQUE ARQUEOLÓGICO DO OCREZA

Morada: Envendos, 6120 Mação

GPS: 39° 32' 45,674" N, 7° 49' 32,132" W

SOBRE O GUIÃO

A problemática deste guião tem como objetivo fundamental levar os alunos de diferentes ciclos de escolaridade a pensar como seria viver numa época tão recuada como o Paleolítico Superior e o Neolítico.

Essa reflexão inicia-se no 2.º CEB e interrelacionam-se conhecimentos de História e Geografia de Portugal com as Ciências Naturais, a Matemática, o Português, a Educação Tecnológica, as TIC, a Educação Visual, pretendendo-se uma abordagem teórico-prática e criativa. No 3.º CEB interrelacionam-se as Ciências Naturais, a Educação Visual, a História, o Português e as TIC numa perspetiva que tem como objetivo a reflexão, a interpretação de informação, a comparação, a gestão da informação e o desenvolvimento do processo criativo.

Prevê-se um trabalho inicial de pesquisa, comparação/observação de peças de arte móvel, arte rupestre e instrumentos líticos que poderá sustentar a narrativa dos alunos ao imaginarem um dia na vida de um daqueles Homo. A visita tem dois momentos, ao Museu e ao Parque Arqueológico do Ocreza, porque se completam e permitem refletir sobre alguns modos de vida, mas também sobre as rochas e as suas características, os problemas relacionados com a erosão e a sua preservação. Após a visita pode fazer-se uma exposição, calcular áreas e volumes dos artefactos, organizar os registos de observação e os contextos tecnológicos.

PROBLEMÁTICA

**Como seria viver no Paleolítico Superior e no Neolítico?
Qual a função das gravuras rupestres na Pré-História?**

CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS

Indicar conhecimentos e competências por área disciplinar/disciplina, de acordo com os documentos curriculares de referência, nomeadamente, as aprendizagens essenciais e perfil do aluno, para maior articulação (horizontal ou vertical).

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
<p>História e Geografia de Portugal 5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - As primeiras comunidades humanas da Península Ibérica - Comunidades recolectoras e comunidades agro-pastoris, nomeadamente as castrejas 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir o modo de vida das comunidades recolectoras das das comunidades agro-pastoris, nomeadamente das castrejas. - Identificar os povos que se instalaram na Península Ibérica, relacionando esse fenómeno com a atração exercida pelos recursos naturais. - Identificar/aplicar os conceitos: utensílio, recolção, nómada, sedentário. - Caracterizar as primeiras manifestações artísticas dos primeiros grupos humanos. - Compreender que o processo de sedentarização implicou uma maior cooperação interpessoal, criando as bases da vida em sociedade. - Aplicar o conceito de fonte histórica, partindo da identificação de vestígios materiais.
<p>Ciências Naturais 5.º Ano</p> <ul style="list-style-type: none"> - A importância das rochas 	<ul style="list-style-type: none"> - Distinguir mineral de rocha e indicar um exemplo de rochas de cada grupo.
<p>Matemática 5.º Ano</p> <p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> - Figuras planas e sólidos geométricos 	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever figuras no plano e no espaço com base nas suas propriedades e nas relações entre os seus elementos e fazer classificações explicitando os critérios utilizados. - Explorar, analisar e interpretar situações de contextos variados, numa abordagem do espaço ao plano, que favoreçam e apoiem uma aprendizagem matemática com sentido.
<p>Educação Tecnológica 5.º e 6.º Anos</p> <ul style="list-style-type: none"> - Processos tecnológicos 	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicar, através do desenho, formas de representação gráfica das ideias e soluções, utilizando esquemas, codificações e simbologias, assim como meios digitais com ferramentas de modelação e representação.
<p>Educação Visual 5.º e 6.º Anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre as manifestações culturais do património local e global; reconhecer a tipologia e a função do objeto de arte, design, arquitetura e

2.º CEB	
Conhecimentos	Competências
- Apropriação e reflexão	artesanato de acordo com os contextos históricos, geográficos e culturais.
Português 5.º e 6.º Anos - Leitura - Escrita	- Ler textos com características narrativas e expositivas, associados a finalidades informativas em suportes variados e de complexidade variada; explicitar o sentido global de um texto; fazer inferências, justificando-as; identificar temas, ideias principais e pontos de vista; utilizar procedimentos de registo e tratamento de informação; analisar textos em função do género textual a que pertencem (estruturação e finalidade). - Escrever textos em que se defenda uma posição com argumentos e conclusão coerentes, individualmente ou após discussão de diferentes pontos de vista; utilizar sistematicamente processos de planificação, textualização e revisão de textos; utilizar processadores de texto e recursos da Web para a escrita, revisão e partilha de textos; redigir textos de âmbito escolar, como a exposição e o resumo; produzir textos de opinião com juízos de valor sobre situações vividas e sobre leituras feitas.
Matemática 6.º Ano Números e Operações - Números inteiros - Comparar e ordenar números inteiros, em contextos diversos, com e sem recurso à reta numérica.	- Comparar e ordenar números inteiros, em contextos diversos, com e sem recurso à reta numérica - Explorar, analisar e interpretar situações de contextos variados que favoreçam e apoiem uma aprendizagem matemática com sentido.

3.º CEB	
Conhecimentos	Conhecimentos
Ciências Naturais 7.º Ano - Rochas metamórficas	- Interpretar informação relativa ao ciclo das rochas, integrando conhecimentos sobre rochas sedimentares, magmáticas e metamórficas e relacionando-os com as dinâmicas interna e externa da Terra.
Educação Visual 7.º Ano - Apropriação e reflexão	- Refletir sobre as manifestações culturais do património local e global; reconhecer a tipologia e a função do objeto de arte, design, arquitetura e artesanato de acordo com os contextos históricos, geográficos e culturais. - Enquadrar os objetos artísticos de diferentes culturas e períodos históricos, tendo como referência os saberes da História da Arte.
História 7.º Ano	- Reconhecer no fabrico de instrumentos e no domínio sobre a natureza momentos cruciais para o desenvolvimento da Humanidade.

3.º CEB	
Conhecimentos	Conhecimentos
<p>- Sociedades recolectoras e primeiras sociedades produtoras</p>	<p>- Compreender a existência de diferentes sentidos de evolução nas sociedades recolectoras/caçadoras e agro-pastoris, estabelecendo comparações com as sociedades atuais.</p> <p>- Relacionar ritos mágicos/funerários com manifestações artísticas.</p> <p>- Compreender como se deu a passagem de um modo de vida recolector para um modo de vida produtor;</p> <p>- Identificar/aplicar os conceitos: modo de vida recolector; modo de vida produtor; nomadismo; sedentarização; megalitismo; arqueologia; Paleolítico; Neolítico; arte rupestre; ritos mágicos; milénio; fonte histórica; periodização.</p>
<p>Português</p> <p>7.º Ano</p> <p>- Leitura</p> <p>- Escrita</p>	<p>- Ler em suportes variados textos de diferentes géneros; explicitar o sentido global de um texto; fazer inferências devidamente justificadas; identificar temas, ideias principais, pontos de vista, causas e efeitos, factos, opiniões; expressar, com fundamentação, pontos de vista e apreciações críticas suscitadas pelos textos lidos; utilizar procedimentos de registo e tratamento da informação.</p> <p>- Elaborar textos que cumpram objetivos explícitos quanto ao destinatário e à finalidade (informativa ou argumentativa no âmbito de géneros como: resumo, exposição, opinião, comentário, biografia e resposta a questões de leitura; planificar a escrita de textos com finalidades informativas, assegurando distribuição de informação por parágrafos; ordenar e hierarquizar a informação, tendo em vista a continuidade de sentido, a progressão temática e a coerência global do texto; respeitar os princípios do trabalho intelectual, quanto à identificação das fontes.</p>
<p>TIC</p> <p>7.º Ano</p> <p>- Investigar e pesquisar</p> <p>- Criar e inovar</p>	<p>- Planificar estratégias de investigação e pesquisa a realizar online; formular questões que permitam orientar a recolha de dados ou informações pertinentes; definir palavras-chave para localizar informação, utilizando mecanismos e funções simples de pesquisa; utilizar o computador e outros dispositivos digitais como ferramentas de apoio ao processo de investigação e pesquisa; analisar criticamente a qualidade da informação; utilizar o computador e outros dispositivos digitais, de forma a permitir a organização e gestão da informação.</p> <p>- Integrar conteúdos provenientes de diferentes tipos de suportes, para produzir e modificar, de acordo com normas e diretrizes conhecidas, artefactos digitais criativos para exprimir ideias, sentimentos e propósitos específicos.</p>

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS

(Perfil do Aluno)

- Discutir conceitos ou factos, articular saberes numa perspetiva disciplinar e interdisciplinar.
- Desenvolver a capacidade e o gosto pela pesquisa, a aptidão e a predisposição para procurar, selecionar e organizar informação em vários suportes e contextos.
- Interpretar problemáticas do meio com base em conhecimentos adquiridos, aplicando-os em diferentes contextos.
- Interpretar dados expressos em tabelas, gráficos e figuras.
- Desenvolver raciocínio e resolução de problemas.
- Reconhecer que a ciência, a tecnologia e a sociedade estabelecem relações de interdependência entre si.
- Desenvolver o saber científico técnico e tecnológico.
- Utilizar diversas linguagens e processos narrativos.
- Valorizar o património geográfico.
- Analisar factos e situações, selecionando elementos ou dados históricos.
- Debater por domínios a conceção de cidadania ativa (desenvolvimento sustentável, educação ambiental, empreendedorismo, instituições e participação democrática, literacia financeira, risco).
- Desenvolver a sensibilidade estética e artística, despertando, o gosto pela apreciação e fruição das diferentes circunstâncias culturais.
- Utilizar as tecnologias da informação e comunicação e a biblioteca escolar para maior autonomia na realização das aprendizagens curriculares, de natureza recreativa, cívica e cultural.
- Mobilizar as TIC e as TIG para representar informação geográfica (por exemplo: património natural).
- Adquirir hábitos e métodos de estudo e de trabalho que promovam o tratamento da informação, a comunicação, a construção de estratégias cognitivas e o relacionamento interpessoal ou de grupo.
- Participar responsabilmente, com espírito de iniciativa e autonomia.
- Pensar crítica, reflexiva e criativamente a realidade, dotado de literacia cultural, científica e tecnológica, que lhe permita analisar, questionar e avaliar a informação, formular hipóteses e tomar decisões fundamentadas no seu dia-a-dia.
- Respeitar-se a si mesmo e ser solidário com os outros.
- Aspirar ao trabalho bem feito, ao rigor e à superação, ser perseverante, resiliente perante as dificuldades.
- Formular questões e hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

FASES DA VISITA DE ESTUDO

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

O Museu de Arte Pré-Histórica de Mação começou a ser idealizado em 1943 na sequência do achado arqueológico do Porto do Concelho por um investigador local, o Dr. João Calado Rodrigues. Em 2000 iniciou-se um novo ciclo deste Museu com a descoberta, a 6 de setembro, de gravuras rupestres no vale do Rio Ocreza. Decorrente desta descoberta, "o tema central do museu passou a ser a arte rupestre e as temáticas do simbólico e do sagrado ao longo do tempo, articuladas com a ideia de risco e paisagem: a arte que é um risco na paisagem, que por sua vez está em risco" (<http://museumacao.pt.vu/>).

Como é referido por Oosterbeek *et al.* (2010),

a arte rupestre na área do concelho de Mação, tem hoje, graças ao trabalho da equipa do Museu de Arte Pré-histórica de Mação e do Instituto Terra e Memória, uma dimensão quer quantitativa quer qualitativa importante incluindo gravuras e pinturas, cronologicamente pertencente a um arco de tempo que vai do Paleolítico Superior provavelmente até à Idade Média (p. 483).

Na pesquisa realizada por esta equipa na área do Vale do Ocreza, desde a barragem de Pracana à zona da foz do rio, foram identificadas mais de 30 gravuras. Destas salienta-se um cavalo acéfalo, em estilo paleolítico, diversas figuras de cervídeos no tipo "Tejo", com a linha central no dorso e o pescoço preenchido (Oosterbeek *et al.*, 2010).

Nota: Ter em consideração que em muitas publicações os arqueólogos utilizam a terminologia "Antes do Presente", por ser a terminologia mais adequada para a pré-história antiga.

Para exploração da problemática associada a estes espaços, sugerem-se diversas atividades a realizar com os alunos antes da visita de estudo:

A.1. Análise e discussão da notícia "'Desenhos' com mais de 20 mil anos" do *Diário de Notícias* de 13-06-2006, onde é relatada a descoberta da arte rupestre no vale do rio Ocreza em 2000 pelo arqueólogo Luís Oosterbeek:

A íngreme descida é feita num jipe todo-o-terreno. A sensação de vertigem só é atenuada pelo entusiasmo do diretor científico do Museu de Arte Pré-histórica de Mação, que nos conduz para o vale do rio Ocreza numa viagem ao passado. Lá em baixo, encravadas nas paredes rochosas que ladeiam o curso de água, estão dezenas de gravuras rupestres "adormecidas", junto à barragem da Pracana, num local de difícil acesso.

A descoberta deu-se em 2000, depois de aguçada a curiosidade do arqueólogo do Centro Europeu de Investigação do Alto Ribatejo (CEIPAR com a descrição dos populares que falavam de uns "desenhos" junto à margem do rio. "Onde há fumo há fogo", terá pensado Luís Oosterbeek, o que o levou a acompanhar as obras do prolongamento da IP6, entre Mouriscas e Gardete. Depois de alguns quilómetros de caminho aberto pelas máquinas lá estavam os "desenhos", arte rupestre com mais de 20 mil anos.

Uma delas, a de um cavalo sem cabeça, é "claramente do Paleolítico, podendo ser comparada com algumas gravuras das fases antigas do Vale do Côa e do Escoural", explica. Esta é a primeira gravura paleolítica encontrada abaixo do Côa e na área do complexo de arte rupestre do Vale do Tejo. Contrariando as más relações entre os defensores dos vestígios culturais e as empresas do "progresso", a excitação pela descoberta foi partilhada pela Acestradas, concessionária da autoestrada da Beira Interior que, além de custear os trabalhos arqueológicos, desviou os caminhos que pudessem afetar os achados. Poucos meses depois, arqueólogos portugueses e estrangeiros estavam no terreno e referenciaram mais de 50 gravuras rupestres.

A - Ações a desenvolver antes da visita de estudo

Sugestão de algumas atividades a elaborar com os alunos para a construção e desenvolvimento da problemática da visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas.

Luis Oosterbeek confessa nunca ter sonhado "ser arqueólogo", mas que tal se deveu ao impacto que teve ao ver em Perpignon, França, as grutas de Tautavel, com vestígios de ocupação datados de 450 mil anos. Hoje, conta, "esta aldeia de 600 habitantes tem cerca de 350 mil visitantes/ ano". Aliado à "preocupação científica e social" o arqueólogo apostou na "adaptação em Mação do que havia visto em França".

A.2. Pesquisa em suportes teóricos e digitais com recurso à biblioteca escolar e às TIC (computador e plataformas *online*).

A.2.1. Comparação de instrumentos líticos do Paleolítico, do Paleolítico Superior e do Neolítico.

A.2.2. Observação de algumas peças de arte móvel e de arte rupestre.

Nota: Os serviços educativos do Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo ou Museu Municipal Dr. João Calado Rodrigues (<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/museus-e-monumentos/rede-portuguesa/m/museu-de-arte-pre-historica-e-do-sagrado-no-vale-do-tejo/>) organizam diversas atividades para o 2º ciclo e para o 3º ciclo de escolaridade. Um deles é o "Andakatu vai à escola" e talvez se pudesse começar por aí, sensibilizando para o tema.

A.3. Partir de um caso prático talvez ajudasse a reconstituir um dia na vida de um destes *Homo* que fabricavam bifaces, pontas de lança, arpões, machados, arte móvel (sobretudo escultura, pinturas e gravuras rupestres).

O chamado "menino do Lapedo" é deste longuíssimo período histórico e foi cuidadosamente sepultado próximo de Leiria com uma concha, quatro dentes de veado, pequenos animais e ainda pele curtida coberta de ocre (<https://www.cm-leiria.pt/pages/743> ou <https://www.natgeo.pt/historia/2018/05/fosseis-em-portugal-o-menino-do-lapedo-faz-20-anos>).

A.3.1. Depois de refletir sobre as informações provenientes das fontes, solicitar que imaginassem um dia na vida de um destes *Homo* de Mação – em forma de narrativa gráfica ou escrita (ou utilizando os dois tipos de narrativas).

A.3.2. Pesquisar os diferentes artefactos existentes no núcleo arqueológico identificando as figuras geométricas planas e tridimensionais existentes.

A.3.3. Criar um friso cronológico com as datações dos diferentes artefactos.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

B.1. No Museu:

B.1.1. Procurar e selecionar instrumentos líticos de diferentes períodos históricos, sobretudo do Paleolítico Superior e do Neolítico.

B.1.2. Associar esses instrumentos à função que consideram mais adequada e explicar porquê.

B.1.3. Que objeto lítico escolheriam para transportar, se vivessem naquele período histórico? Porquê?

B.1.4. Das pinturas e gravuras selecionar, fotografar ou registar graficamente elementos que consideram mais expressivos. Esses elementos servirão para fazer composições após a visita.

B.1.5. Refletir sobre "Se estivessem a viver no Paleolítico Superior e quisessem preencher com cor alguns dos elementos gravados, o que utilizavam?" e "Utilizar a cor para quê? Porquê?". Pensar em cores e em pigmentos e na forma de os conseguir.

B - Ações a desenvolver durante a visita de estudo

Sugestão de alguns recursos didáticos/pedagógicos e instrumentais a serem utilizados na visita de estudo, no âmbito das diferentes disciplinas envolvidas, e que resultam do trabalho desenvolvido previamente com os alunos.

Nota: os Serviços Educativos do Museu têm duas atividades destinadas ao 2º ciclo ou ao 3º ciclo – “Aprender arqueologia com o Andakatu” ou “Arqueólogo por um dia”.

B.2. No Parque Arqueológico do Ocreza (que é, também ele, um museu a céu aberto):

Para “visitar as gravuras rupestres do vale do Ocreza, no concelho de Mação, é necessário contactar o Museu de Arte Pré-Histórica de Mação e levar um guia. O objetivo é a preservação do local e das suas gravuras, num combate já desigual com a erosão. (...) Um regresso à pré-história patrocinado pelo município de Mação, e que o mediatejo.net acompanhou (...)” - <http://www.mediatejo.net/a-descobertamacao-ocreza-um-percurso-rupestre-em-estado-quase-selvagem-cvideo/>.

B.2.1. Representar e descrever algumas das gravuras rupestres como, por exemplo, a figura de cavalo do Paleolítico (Figura 1. Nesta gravura, a cabeça, principalmente no que se refere ao focinho e às narinas, parece ter sido deixada incompleta intencionalmente (Oosterbeek *et al.*, 2010). Também são de destacar as figuras de cervídeos (Garcês, 2013; Oosterbeek *et al.*, 2010; Oosterbeek *et al.*, 2011).

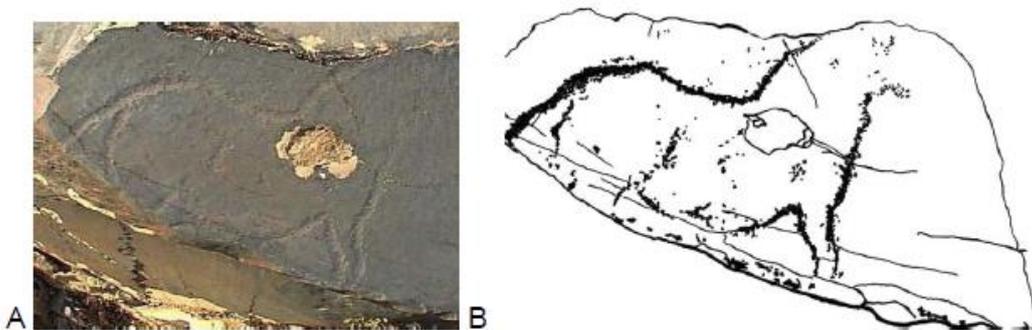


Figura 1. Fotografia (A) e levantamento (B) da figura de cavalo em estilo do período Paleolítico (15000-10000 anos) (Fonte: Oosterbeek *et al.*, 2010).

B.2.2. Analisar no local a Carta Geológica de Portugal, na escala de 1:50.000 - Folha 28-A (Mação) e realizar a contextualização geológica do local.

B.2.3. Identificar as rochas sobre as quais foram efetuadas as gravuras rupestres. Tal como refere Garcês (2013),

Estas [gravuras] são, na sua generalidade, obtidas por picotagem sobre as lisas plataformas xistosas, quase sempre dispostas na horizontal. Estas rochas, dispostas em ambas as margens do rio Tejo, sofreram os efeitos erosivos das águas do rio durante milhares de anos, o que as tornou tão propícias para a gravação. No entanto, a resistência é também uma das suas características, daí ter sido possível chegarem até aos dias de hoje bem conservadas. Crê-se que a grande quantidade de seixos de quartzo e quartzite que abundam na região possa ter sido usada como matéria-prima dos incisores (p.529).

B.2.4. Recolher dados dos artefactos pesquisados para poder calcular áreas e volumes dos mesmos, sempre que se justifique.

C - Ações a desenvolver após a visita de estudo

Sugestão de algumas atividades que orientem os alunos a organizarem e a integrarem a aprendizagem efetuada antes e durante a visita, de modo a responderem à problemática de partida. Apresentar sugestões de índole metodológica e avaliadora das aprendizagens.

C.1. Depois de selecionadas as narrativas gráficas ou escritas mais expressivas e as mais bem contextualizadas, reconstituindo um dia na vida de um destes Homo de Mação, fazer uma pequena exposição na biblioteca da escola, por exemplo, com recurso às TIC.

C.2. Realizar mostras audiovisuais, recolhidas de objetos e imagens; registo de observação de contextos tecnológicos; utilização de ferramentas digitais (Educação Tecnológica e TIC).

C.3. Usar os dados recolhidos durante a visita calculando as áreas e volumes dos vários artefactos.

C.4. Pesquisa do trabalho que está a ser realizado por investigadores portugueses nesta área, nomeadamente pelos investigadores da equipa do Instituto Terra e Memória (<http://www.institutoterramemoria.org/>), como por exemplo:

- Luiz Oosterbeek | Instituto Politécnico de Tomar

- Sara Garcês | Terra e Memória – Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado do Vale do Tejo

- Hipólito Collado Giraldo | Junta de Extremadura, Mérida

AVALIAÇÃO

Avaliação das aprendizagens

Monitorização e avaliação

1. Proporcionar a diversificação de momentos, tipos e instrumentos de avaliação mediante a intencionalidade das aprendizagens.

De acordo com as ações estratégicas de ensino orientadas para o Perfil dos alunos, proporcionar atividades formativas que possibilitem aos alunos, em todas as situações:

- Apreciar os seus desempenhos;
- Estabelecer relações intra e interdisciplinares;
- Saber questionar uma situação;
- Desenvolver ações de comunicação verbal e não verbal pluridirecional;
- Utilizar conhecimento para participar de forma adequada e resolver problemas em contextos diferenciados;
- Desenvolver tarefas de planificação, de revisão e de monitorização;
- Desenvolver tarefas de síntese;
- Elaborar planos gerais, esquemas e mapas conceptuais;
- Identificar pontos fracos e fortes das suas aprendizagens;
- Utilizar os dados da sua autoavaliação para se envolver na aprendizagem;
- Descrever as suas opções usadas durante a realização de uma tarefa ou abordagem de um problema.

2. Autoavaliação realizada pelo aluno sobre o desenvolvimento do roteiro da visita de estudo, as atividades e competências desenvolvidas, as aprendizagens adquiridas, com espaço a críticas e sugestões.

3. Avaliação efetuada pelo professor do processo e produtos resultantes das aprendizagens do aluno no portfólio. Valorizar o trabalho de livre iniciativa, a participação em contexto sala de aula e na visita de estudo, incentivando a intervenção positiva no meio escolar e na comunidade.

4. Autoavaliação realizada pelo professor sobre a monitorização das atividades desenvolvidas, do processo de ensino/aprendizagem e das respostas às problemáticas em cada guião/roteiro da visita de estudo.

5. Após partilha da avaliação, debate e reflexão conjuntos entre professores envolvidos, alunos e outros intervenientes da comunidade escolar/educativa.

BIBLIOGRAFIA/WEBGRAFIA

- Antunes, M.T. et. al. (1989). Paleolítico Médio e Superior em Portugal: data 14C, estado atual dos conhecimentos, síntese e discussão. In *Ciências da Terra*, nº 10, 127-138. Disponível em https://run.unl.pt/bitstream/10362/3299/1/CT_10_09.pdf [acesso em agosto de 2018].
- Baptista, António Martinho (2009). *O vale do Coa e a arte paleolítica de ar livre em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.
- Batata, C. A. M. (2002). *Idade do Ferro e romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza*. Tese de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Disponível em <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publications/trabalhos-de-arqueologia-46-idade-do-ferro-e-romanizacao-entre-os-rios-zezere-tejo-e-ocreza> [acedido a 22/09/2018]
- Cruz, A.; Delfino, D.; Gaspar, F. e Batista, A. (2015) – “Circulação de artefactos, ideias e matérias-primas no Médio Tejo entre o Neolítico Antigo e a Idade do Bronze Final”. In CRUZ, A.; CERRILLO CUENCA, E. e DIAS, L. (dir.). In *Actas da 2ª Mesa-redonda Peninsular*. Tomar: Centro de Pré-História do Instituto Politécnico de Tomar, 13-26. Disponível em <http://bit.ly/2JqtIDl>
- Garcês, S. (2013). Trabalhos de arte rupestre do vale do Tejo: Cervídeos, análises e resultados. In J. Arnaud, A. Martins & C. Neves (Ed.) (2013), *Arqueologia em Portugal 150 anos* (pp. 527-535). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Martins, A. (2015). Arte rupestre Neolítica: uma primeira abordagem aos abrigos pintados do território Português. In *Estudos e Memórias nº 8-5º Congresso do Neolítico Peninsular* (Vol. 8, pp. 585-590). UNIARQ.
- Oosterbeek, L., Abreu, M., Giraldo, H., Pereira, A., Coimbra, F., Garcês, S., Cura, S., Cura, P., & Teixeira, V. (2010). Arte Rupestre do concelho de Mação: Conservação, estudo e promoção no museu de arte pré-histórica e do sagrado do vale do Tejo. *Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre Brasil: Parque Nacional Serra da Capivara*, (pp.483-508).
- Oosterbeek, L., Giraldo, H., & Garcez, S. (2011). Arqueologia rupestre da bacia do Tejo: Ruptejo. *Arkeos – Perspetivas em diálogo*, 32, 133-172.
- Pico, Pascal (2003). *Au commencement était l'homme*. Paris: Gallimard

INFORMAÇÃO COMPLEMENTAR**Notícias:**

[Entrevista de Teresa Firmino a António Martinho Baptista sobre pinturas rupestres, in jornal Público, 23 de fevereiro de 2018.](#)

[Diversos artigos do jornal Público sobre o Homo Sapiens](#)

Links institucionais de referência:

Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo

- [Património Cultural](#)
- [Câmara Municipal de Mação](#)

Outros links:

[IPL - Museu](#)
[Laboratório de Arte Rupestre](#)
[Hominides 1](#)
[Hominides 2](#)

Vale do Ocreza

- [Percurso rupestre – Médio Tejo](#)
- [Enlace da arte – Médio Tejo](#)
- [Antena Livre](#)

Aplicativos online:

- [Descubra Médio Tejo](#)
- [Google Earth](#)
- [Open Street Map](#)

Título: Guião Pedagógico – Mação – Visita de Estudo ao Museu de Arte Pré-Histórica e do Sagrado no Vale do Tejo e Parque Arqueológico do Ocreza

Âmbito: PEDIME - *Programa de Visitas de Estudo do Médio Tejo*

Autores

Raquel Henriques
António Domingos
Sílvia Ferreira
Rute Perdigão

Editor:

Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Data: outubro 2017